

## **O CONCEITO DE JUVENTUDE: UMA ABORDAGEM CULTURAL DESSA FASE DA VIDA.**

Vitor Machado<sup>1</sup>

### **Introdução**

Este texto é uma discussão panorâmica sobre o conceito de juventude rural, procurando encontrar uma definição lógica e coerente do termo, a qual nos permita neutralizar suas ambiguidades.

Neste sentido, iniciamos nossa reflexão, elaborando uma retrospectiva histórica sobre as definições das idades da vida, tentando demonstrar, como a idade tornou-se objeto de estudo ao longo dos séculos. Tais estudos contribuíram para reforçar nosso entendimento de que, apesar da juventude ser considerada uma etapa biológica da vida, ela possui características culturais próprias e, portanto, deve ser avaliada e interpretada sociologicamente.

Assim, tratamos de definir o conceito de geração para em seguida realizarmos um debate com representantes do pensamento sociológico que se dedicaram a analisar a problemática da juventude. Algumas dessas análises procuram explicar que o processo de transição da geração jovem para a vida adulta é, significativamente, marcado por rupturas culturais. Outras, contrariamente, afirmam que o ingresso dos jovens na idade adulta acontece mediante a preservação e a manutenção de valores que garantem a continuidade cultural entre as gerações.

Neste trabalho os jovens assentados são entendidos do ponto de vista da cultura que possuem, ou seja, como resultado de um processo que determina a representação que eles fazem da sua realidade e o significado que dão as suas ações. Eles representam uma geração de indivíduos pertencentes a uma fase da vida anterior a geração adulta, que apresentam características e ações semelhantes, gestadas a partir de aspectos culturais, que os diferencia de outros grupos sociais.

Isso posto, podemos dizer que o jovem rural apresenta um perfil diferenciado em relação ao jovem do meio urbano. Tal perfil é adquirido ao longo de uma trajetória de luta pela terra em companhia de seus pais, na conquista da cidadania e na resistência às formas de

---

<sup>1</sup> Departamento de Educação/FC/UNESP/Bauru. E-mail: vitor@fc.unesp.br

preconceito que enfrentam nos diversos espaços da sociedade em que vivem. Ou então, é construído no processo de convivência social dentro do próprio assentamento, a partir das experiências vivenciadas durante todo o processo de luta e resistência de manutenção da própria terra.

Nesse sentido, ao pesquisar o jovem assentado, foi necessário contextualiza-lo como indivíduo proveniente de uma nova categoria em formação que são os trabalhadores rurais assentados. Isso expressa uma preocupação fundamental deste trabalho que é a necessidade de se entender o processo de formação e reprodução desta nova categoria, a partir da totalidade do processo histórico e social em que vive.

Realizadas essas reflexões, passamos a demonstrar, então, a necessidade de se compreender o jovem rural do ponto de vista da cultura que possuem, ou seja, como sujeitos característicos de um processo cultural que é construído em meio a muita diversidade, a partir de experiências vivenciadas no seu espaço de convivência social.

### **1. Da ocupação ao acampamento – a riqueza da construção de significados socioculturais**

A ocupação de terras e todo o processo dela decorrente é muito rico na produção de significados socioculturais para o sujeito sem-terra (CALDART, 2004). Além de provocar uma ruptura em determinados padrões culturais e ideológicos vigentes e hegemônicos na sociedade, também contribui para a formação de novos sujeitos a partir das experiências por eles vivenciadas. É capaz de mudá-los e transformá-los profundamente, fazendo-os posicionarem-se de outra forma diante da realidade onde vivem, reagindo contra a sua condição social.

Os sem-terras, que sempre obedeceram ao patrão, ao padre e ao coronel, porque isso foi-lhes ensinado como um princípio fundamental, pela família ou no ambiente escolar, nos poucos anos que o frequentaram, ao ocuparem uma terra, perdem o medo e o conformismo. Quanto ao medo, vão aos poucos aprendendo a dominá-lo. Em relação ao conformismo, abandonam-no, passando a lutar contra a realidade miserável na qual vivem.

É importante considerarmos que essa luta não vai se dar de forma individual, isolada e impensada. Ela é coletiva, organizada e capaz de superar obstáculos que permitem a aniquilação de todos os medos, rompendo, recuperando e produzindo valores.

Devemos considerar também, que é no próprio processo de ocupação de terras que se constrói a consciência de classe. Durante a ocupação, o trabalhador enxerga, nitidamente, as

contradições entre latifundiários e trabalhadores rurais, presentes no espaço de luta. Esse é o momento no qual o sem terra começa adquirir consciência de classe, a tomar consciência de si (CALDART, 2004).

É durante esse processo que podemos verificar outro aprendizado importante. Quando o sujeito Sem Terra se vê combatendo o latifúndio improdutivo e a elite com todo o seu aparato de proteção, ele não se intimida e, mesmo assim, vai para o enfrentamento, o que resulta, muitas vezes, em ações de despejo. Esses acontecimentos trazem um aprendizado bastante significativo que é o da negociação que, geralmente, feita com o Estado, coloca a todos numa certa situação de igualdade, e faz com que os Sem-Terras produzam representações simbólicas que vão marcar essa nova posição. Essa modificação pode ser notada desde a maneira de se vestir, até a forma de falar e agir durante as reuniões que são realizadas para negociar possíveis soluções e exigir seus direitos. Então, pode-se dizer que:

[...] a ocupação da terra é apenas o primeiro momento, ainda que decisivo, de uma história que demorará um bom tempo e se desdobrará em muitos outros aprendizados, recuperando e ao mesmo tempo pondo em conflito tradições, costumes, visão de mundo, produzindo e reproduzindo cultura (CALDART, 2004, p. 174).

Desta forma, podemos verificar que o processo de ocupação de terras provoca um aprendizado capaz de produzir ao Sem Terra uma nova identidade cultural baseada na ruptura com valores tradicionais e na construção de novos valores.

Segundo Whitaker e Fiamengue (1995, p. 61), esses trabalhadores rurais são:

[...] Sujeitos de trajetórias de vida fragmentadas pelos embates, pela luta e pelo trabalho assalariado que os obrigou a migrações e rupturas. Eles tentavam uma reconstrução cultural. Estavam em busca de uma nova identidade. Dessa forma, moviam-se nos espaços possíveis [...].

Na medida em que discutimos neste texto a importância da ocupação de terra, no sentido de que ela representa para os sem terras um grande aprendizado, não podemos nos esquecer de outro momento bastante importante desse aprendizado, que é o acampamento. Apesar de ocupação e acampamento serem ações combinadas que fazem parte do processo de luta pela terra, esses dois momentos apresentam formas distintas de ensinamentos.

Como sabemos, o acampamento é utilizado pelo Movimento Sem Terra (MST)<sup>2</sup> como uma forma de luta para manter mobilizados os trabalhadores rurais pela conquista da terra, para sensibilizar a opinião pública e para pressionar o Estado na realização de uma reforma agrária que venha a atender os verdadeiros interesses dos Sem-Terras.

---

<sup>2</sup> Movimento social de expressão nacional, criado em 1985 por trabalhadores rurais expropriados da terra, cujo maior objetivo se destina a luta pela reforma agrária.

Ao analisarmos um acampamento, verificamos que ele vai ser formado por famílias provenientes de várias regiões e de indivíduos com diferentes costumes e práticas culturais. Na medida em que vão convivendo, passam a compartilhar experiências e sentimentos, transformando o espaço social habitado, produzindo assim, um sentimento coletivo e estabelecendo laços que permitem uma forte identificação entre eles. Ao se reconhecerem uns nos outros, passam a lutar pelo mesmo objetivo, de forma coletiva, conjunta e organizada, na construção de uma sociedade que lhes garanta uma vida melhor e uma maior perspectiva para o futuro.

Para Whitaker e Fiamengue (1995, p. 62-63), é no processo de ocupação, acampamento e o conseqüente sucesso para adquirir a terra conquistada, que devemos destacar “o caráter pedagógico da luta: a organização, o aprendizado, a disciplina na ação efetiva”.

A rigorosa organização interna e a dedicação exaustiva empregada no desafio de produzir a terra transforma o lugar provisório num espaço de socialização, cujas regras de funcionamento ajudaram a construir (CALDART, 2004).

Este processo, gerado a partir de uma intensa convivência social, produz uma série de aprendizados muito importantes para os trabalhadores rurais Sem-Terras que, por meio das relações por eles desenvolvidas na construção do universo do qual fazem parte, criam valores e descobrem conceitos capazes de fortalecer a luta pela cidadania e a conquista pela reforma agrária.

Estamos falando aqui, principalmente, de um valor criado e cultivado pelo Sem-Terra, quando ele ainda encontra-se em situação de acampado. Este valor é o da solidariedade e vai fundamentar toda a ética da vida comunitária. É a condição de ser acampado e viver em comunidade, compartilhando os mesmos interesses e objetivos e as mesmas conquistas, que provoca nos Sem-Terras a necessidade de serem solidários (CALDART, 2004).

É no bojo desse processo que o acampado aprende a ser valorizado como indivíduo social, já que foi excluído da sociedade capitalista e perversa, cuja elite dominante, seja ela urbana ou rural, sempre os tratou como “ervas daninhas” da sociedade e que, por esse motivo, devem ser eliminadas.

Os assentados aprendem a ser cidadãos, participando das atividades do acampamento, as quais permitem a construção de novas relações sociais, que começam já no acampamento e vão se estendendo para os níveis da vida cotidiana (CALDART, 2004). Essas novas relações

se estabelecem justamente a partir do momento em que ele começa a perceber-se como cidadão e, isso ocorre, na medida em que ele descobre seus direitos básicos de cidadania<sup>3</sup>.

Porém, não é só a identidade materializada e afirmada nos documentos que faz o indivíduo sem-terra adquirir consciência de si. A participação dele no movimento, atuando nas diversas tarefas a que foi designado contribui de modo significativo para que o indivíduo se descubra como peça importante no processo de luta constante pela conquista da terra e da reforma agrária.

Deste modo, esse indivíduo vai construindo uma nova visão de mundo, permeada por uma teia de relações que contradizem ou complementam as tradições que ele carrega.

É justamente na forma de lidar com as pessoas, que surge a necessidade do indivíduo rever seus conceitos, preconceitos e avaliar sua posição perante as normas e regras morais, que sempre regeram a sua vida por meio da tradição cultural. Isso se dá por meio de um aprendizado que deve ser destacado. Tal aprendizado, segundo Caldart (2004), é a construção de novas relações interpessoais, iniciadas quando o acampado passa a conviver com indivíduos de diferentes etnias, com posições políticas diferenciadas, com diferentes religiões e costumes. Essas novas relações interpessoais obrigam-no também, a rever sua posição perante a mulher e os filhos. Nesse processo, ele se confronta com a tradição cultural da família rural, fortemente arraigada no seu ser, e inicia uma luta radical no sentido de rever as relações que ele tinha com os seus pares, fazendo um grande esforço para adotar uma nova postura perante eles. Necessita para isso inverter valores que sempre sustentaram as relações familiares herdadas dos seus antepassados.

Recriar valores, modificando sua postura perante a família é um aprendizado tão importante para o Sem Terra, como aquele em que ele passa a se compreender como um sujeito histórico, ou seja, que faz parte da história. Tal compreensão se dá num espaço que exige um esforço do indivíduo para lidar com a diversidade. É no processo de convivência com a heterogeneidade social e por meio do resgate da sua história pessoal, que o indivíduo descobre uma enorme e evidente relação entre os fatos por ele vivido e os fatos vividos pelos companheiros do acampamento, os quais, tal como ele, lutam para conquistar os mesmos objetivos (MACHADO, 2011).

É na busca de objetivos comuns, participando da luta pela reforma agrária, que o acampado também aprende a compreender que seu cotidiano é dotado da idéia de uma vida

---

<sup>3</sup> Para ser cadastrado como sem-terra cada pessoa precisa fazer sua documentação: identidade, título de eleitor, certidão de nascimento (CALDART, 2004).

que está em constante movimento, pois no cotidiano de um acampamento, nenhum dia é igual ao outro. E isso pode alterar os sentimentos, a organização e as ações que regem a conduta dos acampados.

Essa mudança no comportamento das pessoas, que faz com que alguns esperem por uma vida mais estável, que poderá vir com a efetivação do assentamento, e que outras continuem atuando em outras ocupações, é o que podemos chamar da “dialética entre o enraizamento, proporcionado pela inserção em uma coletividade forte, e o projeto proporcionado pela continuidade na dinâmica da luta, que dá mobilidade à própria raiz” (CALDART, 2004, p. 185).

Portanto, todos esses aprendizados até aqui relatados, devem ser considerados como relevantes quando se pretende refletir sobre o conceito de jovem rural assentado.

Vejamos agora a importância do assentamento na construção da identidade do Sem-Terra.

## **2. A importância do assentamento no processo de (re) construção da identidade**

Durante o processo de convivência no acampamento, o indivíduo passa por importantes transformações.

Porém, não é só na condição de acampado que o trabalhador rural sem terra passa por inúmeras experiências cotidianas, as quais possibilitam a superação das dificuldades de convivência social, num espaço que está muito longe de ser homogêneo. Tal espaço é constituído por indivíduos de diferentes culturas, mas que ao se relacionarem, fortalecem os laços em torno da busca dos mesmos objetivos.

Devemos, desta maneira, compreender que no assentamento continua o processo de construção da identidade do sujeito sem terra.

A convivência com outros assentados permite a construção de novos valores que passam a fazer parte do cotidiano do trabalhador rural assentado. Isso quer dizer que

Identities são reconstruídas e desconstruídas no encontro nas associações, nas desavenças, na criação de novos espaços de reuniões, na tentativa das mulheres criarem uma forma de sociabilidade grupal e assumirem o comando das reivindicações do núcleo, na politização das disputas, nos vãos vãos que exigem um retrato constantemente modificado pelas experiências dos assentados, homens e mulheres (FERRANTE, 1993, p 75).

Assim, quando o trabalhador rural conquista a terra, ele sai da condição de acampado e passa para a condição de assentado. Ao inserir-se neste processo, o indivíduo que deixa de ser

acampado, passa a conviver em um novo espaço social que é o assentamento<sup>4</sup>. Ao conviver numa nova realidade que é a da terra conquistada, o assentado passa a desfrutar de novas experiências e isso é capaz de produzir também, um conjunto de aprendizados muito significativos para a formação do sujeito sem terra (MACHADO, 2011)

Quando olhamos para o assentamento, devemos entendê-lo como um espaço em movimento que vai sendo produzido constantemente, através das experiências resultantes da organização ou reorganização permanente vivenciadas em cada assentamento ou no conjunto dos assentamentos do MST (CALDART, 2004).

É justamente devido à necessidade de organizar o espaço do assentamento que os trabalhadores rurais assentados passam a buscar alternativas para se manterem na terra conquistada. Como não há um assentamento igual ao outro, cada qual, em função de suas realidades regionais e estaduais, criam formas específicas de se organizar. Apesar disso, podemos encontrar nos assentamentos ligados ao MST, evidentes características de organização da nova terra (CALDART, 2004).

Pensando numa melhor forma de atender às necessidades de gestão da produção, o MST adotou, em muitos assentamentos de reforma agrária, a prática da Cooperação Agrícola<sup>5</sup> como forma estratégica de desenvolvimento econômico e social, entendendo ser essa a única maneira dos trabalhadores rurais assentados fazerem frente aos efeitos provocados pelo grande capital agrícola.

Nesse contexto, ao adotarem a Cooperação Agrícola como forma de organização da produção do assentamento, recriam novos valores que, baseados na solidariedade, ou seja, na forma coletiva da produção agrícola, rompem com os modos mais tradicionais de vida no campo, vinculados ao uso privado da terra e ao isolamento social das famílias (CALDART, 2004). Essa ruptura com a tradição demanda um aprendizado muito importante, na medida em que o assentado vai sendo obrigado a transformar as suas relações no espaço de convivência social que o assentamento demanda. Durante grande parte de sua vida, o trabalhador rural foi obrigado a conviver com os modos mais tradicionais da vida no campo e, numa situação bastante diversa, diferente da qual sempre viveu, vai sendo capaz de superar tais valores, recriando alguns, criando novos. De uma forma ou de outra, eles serão fundamentais para a

---

<sup>4</sup> Segundo define Fernandes apud Caldart (2004), o Assentamento é um processo histórico de transição e transformação, de organização do território, do espaço agrário em questão. Trata-se do processo através do qual um latifúndio se transforma em um espaço onde passam a viver muitas famílias, articuladas de algum modo entre si.

<sup>5</sup> A discussão sobre Cooperação Agrícola surgiu a partir da análise dos problemas relacionados à viabilização econômica dos primeiros assentamentos, e que os relacionava ao próprio destino dos pequenos agricultores em um tipo de economia como a predominante em nosso país (CALDART, 2004, p. 188-189).

transformação da vida econômica, social, cultural e política do homem rural assentado.

Porém, quando o sem-terra torna-se assentado, surge uma série de contradições pessoais que vão interferir na organização dos assentamentos, principalmente, no momento das tomadas de decisões, que podem gerar conflitos sobre os caminhos a serem seguidos, pelo fato de alguns assentados terem criado e outros terem negado os novos valores sociais e culturais produzidos durante o processo de luta pela reforma agrária (CALDART, 2004). Esses conflitos vão desde a escolha da forma de organização da moradia no assentamento - que poderá ser em forma de agrovila ou moradia no próprio lote - até a escolha pela estabilidade ou luta permanente no processo de conquista da terra. A conquista da terra pode significar, para alguns, o fim da história, e, portanto, garantia da estabilidade. Para outros, a mobilização constante é a garantia de sobrevivência na nova terra. O fato é que, dentre tantas escolhas, é fundamental a adesão dos assentados por uma forma individual ou coletiva da produção. É a escolha de uma dessas estratégias de organização da produção agrícola que vai determinar os rumos do assentamento. A escolha dos Sem-Terras assentados determinará a condição entre sucumbir, ou não, diante do capitalismo perverso e altamente tecnológico que predomina na grande produção agrícola do nosso país. Significa dizer que, optar pela *organização de forma individualizada* dentro do assentamento, é reproduzir os valores tradicionais que contribuíram fundamentalmente para que o assentado chegasse à condição de sem-terra (CALDART, 2004).

Já a *organização coletiva*,

implica primeiro em não aceitar voltar ao isolamento do trabalho camponês mais tradicional, porque, dadas as condições objetivas, é impossível pensar em alternativas individuais. Ou seja, estamos no âmbito da discussão sobre formas de cooperação que podem, ainda que de modo incipiente, alterar a correlação de forças e chegar, como é o caso de alguns assentamentos hoje, a influenciar no mercado de determinada região ou município (CALDART, 2004, p. 196).

Como sabemos, a história dos assentamentos de reforma agrária tem demonstrado que as formas de trabalho coletivo que adotam, acabam por contribuir com a superação das dificuldades encontradas, quanto ao processo produtivo e à qualidade de vida dos assentados.

No entanto, não podemos deixar de apontar que alguns estudos realizados por pesquisadores como Ferrante et al (1994), Costa et al (1995), Whitaker et al (1994), Whitaker e Fiamengue (1995), Bergamasco et al (1996), Andrade (1995), Machado (2000; 2008) demonstram que diversos assentamentos que não optaram pela forma coletiva da produção agrícola, conseguiram superar obstáculos, criando alternativas para se manter na terra, e, conseqüentemente, melhorando suas condições de vida e sobrevivência.

Nesse contexto, também devemos entender esses processos como síntese de um aprendizado que passa a fazer parte do contexto social do trabalhador rural assentado, o qual produz no sujeito um sentimento de solidariedade e perseverança, por conta das experiências por ele vivenciadas e apreendidas anteriormente, no próprio acampamento. Mesmo que alguns assentados neguem a valorização da organização cooperativa do trabalho agrícola como superação das necessidades impostas pelo grande capital no campo - e os motivos disso são diversos<sup>6</sup> - muitos assentados conseguem assimilar os efeitos positivos que o trabalho coletivo provocou quando ele se encontrava em situação de acampado. E esse foi um importante aprendizado, que resultou na solidariedade praticada nas lides do assentamento.

Por tudo até aqui relatado, é preciso ressaltar que, para tratarmos do conceito de juventude rural assentada, devemos considerar, para efeito de análise, todo o processo por ele vivido e assimilado no acampamento e no assentamento, o que procuramos demonstrar brevemente.

### **3. O jovem rural: “da cidade ao campo e a construção de um novo perfil”**

A maioria dos estudos sociológicos se encaminha, no sentido de compreender o comportamento de jovens do meio urbano. Pouco se tem estudado a respeito do jovem habitante do meio rural.

Esta pesquisa é uma tentativa de encontrar algumas respostas a respeito do jovem rural, especialmente, aqueles que habitam os assentamentos de reforma agrária, a fim de procurar esclarecer algumas questões relevantes para este texto.

Mas, antes de estudar o jovem rural assentado é necessário tecer aqui algumas considerações que nos auxiliarão a entender melhor o perfil das gerações novas, nos assentamentos de reforma agrária.

Ao analisarmos os assentamentos da Fazenda Monte Alegre (Araraquara/SP) e Sumaré I e II (Sumaré/SP), pudemos constatar algumas alternativas desenvolvidas pelos assentados, como forma de resistência, buscando sempre uma melhor maneira de incluírem-se na sociedade<sup>7</sup>.

Em todos esses estudos apontamos como um dos pontos estratégicos, a realização por parte dos assentados, de uma reconstrução cultural, decorrentes das rupturas provocadas por processos migratórios. A reconstrução cultural não é decorrente das rupturas. Ela procura

---

<sup>6</sup> Sobre esse assunto consultar: Mañano (1998), Machado (2008).

<sup>7</sup> Ver: Andrade (1997), Machado (2000; 2008).

corrigir ou superar as rupturas. Ela é decorrente, portanto da necessidade de superar as rupturas. Em outras palavras, isso significa que durante esses processos migratórios, marcado por muita luta e violência, ocorre com frequência a ocupação e desocupação de terras, e a conseqüente alternância entre o meio rural e o centro urbano. Tanta alternância provoca nos assentados, uma ruptura em identidades e expressões culturais. Essa ruptura gera fragmentos<sup>8</sup>, que somados ao universo cotidiano que vive o assentado, lhe permite a construção de uma nova identidade.

Essas considerações são relevantes, nos estudos das gerações novas em assentamentos de reforma agrária, porque só a partir delas é que se pode entender a formação do perfil de jovens assentados e a construção de sua própria identidade.

Iniciamos nossa análise, sobre a formação do perfil de jovens assentados, no momento da chegada desses jovens no acampamento, ainda na infância.

Vejam o que dizem os jovens a respeito disso:

*Sueli- Ah... eu gostava da cidade, n/é. A hora que eu cheguei eu não gostei... mas depois que eu comecei brincar, eu achei tudo divertido, por que na cidade a gente tinha de ficar trancado, n/é, portão fechado. Eu ficava só no quintal, era pequeno, não podia sair para fora. A hora que eu cheguei aí, que eu vi que sobrou tudo para mim, eu saí correndo (risos), eu não queria nem sair de lá mais, estava gostoso. (...)Ah... nós ficava brincando com a peneira, cada um com uma peneira atrás de borboleta, porque nós morava na cidade, n/é. Quando nós veio para o sítio, assim, tudo o que via era engraçado, ficava catando flor no meio do mato. Ficava no rio o dia inteiro brincando lá. Só que ninguém sabia nadar, n/é. Ficava só pulando.*

*Lindamar- Na minha infância foi melhor aqui. Eu brinquei mais. Eu aproveitei mais. Eu sempre... aqui... nossa! Andava a cavalo, saía de bicicleta aí pelo meio da mato. Ia nadar na cachoeira. Isso assim, mais aos finais de semana. Mais eu acho que... aqui sim, para questão de brincar.*

*Cleide- Olha... não foi tão difícil, mas um pouco diferente. Foi que... em primeiro lugar você imagina uma criança. É um local... como se diz... fora da cidade. Colegas que brincam, por exemplo... com terra. É... não tem acesso a brinquedos eletrônicos. É totalmente diferente. Entendeu?*

---

<sup>8</sup> Ver: Dantas (1998).

As entrevistas acima revelam, que ao chegar no acampamento ainda crianças, os jovens, depararam-se com um espaço totalmente diferente daquele que vivenciavam na cidade. Um espaço “divertido”, “gostoso” e muito mais aproveitado do que o espaço da cidade.

Suas falas chamam a atenção, porque revelam como ocuparam o espaço, ainda crianças, assim que chegaram ao acampamento. Um espaço “divertido”, “gostoso” e muito “mais aproveitado” pelas crianças do que quando moravam na cidade. No assentamento elas brincavam mais, “ficava o dia inteiro brincando”, sem acesso aos brinquedos eletrônicos tão presentes nas brincadeiras das crianças das cidades. Nota-se a valorização do espaço rural a partir das representações que fazem deste espaço, vivenciado pelas brincadeiras de infância.

Em estudos realizados, Fiamengue (1997) procurou demonstrar a sociabilidade dos espaços da criança, através da análise de desenhos elaborados por crianças assentadas, como expressão de seus sentimentos. Ela constatou que as representações que fazem do espaço, agora socializado, são resultado da superação das ambiguidades decorrentes do processo migratório, causada pela alternância entre o rural e urbano, pelo fato de acompanharem seus pais, no processo de luta pela terra.

Assim, mesmo estando na forma oculta, foi possível identificar as superações das contradições sociais, vividas pelas crianças. Elas demonstram um forte sentimento de apego a terra, como sendo um sujeito pertencente a ela, fazendo parte dela.

Essa tese ainda se confirma, quando esses jovens relatam as diferenças entre o campo e as cidades. Ao apontar tais diferenças, é possível perceber o perfil das gerações novas. Um perfil, que se diferencia totalmente do perfil do jovem urbano como podemos ver nas seguintes entrevistas:

*Lindamar- (...) Aqui foi gostoso. Eu gostei muito. Acho que foi muito importante. Eu conheci bastante coisa que eu não conhecia. Para você ver, eu conhecia um pouco da cidade... na questão de você ir ao Shopping, ao teatro, ao cinema, participar de shows, eventos. E a questão da vida do campo, n/é... Aqui não tem nada de shows, de eventos. Aqui é aprender andar a cavalo, a nadar, a pescar, n/é, É outro tipo de divertimento. Que tem na cidade, aqui no sítio já é mais difícil.*

*Cleide- É diferente nessas condições. Como eu disse, os pais trabalham. Se é bebê, vai ficar com uma babá, Entendeu? Seja criança que vai para creche ou escola, só vai encontrar os pais à noite. Por exemplo... os pais já tão escassos do trabalho, vai chegar, ir tomar um banho, jantar, talvez ler*

*um jornal, assistir uma televisão. O filho vai pedir apoio para tarefa escolar- Ah, hoje eu estou cansado- é assim que faz... pronto... Dá aquela mínima atenção para o filho. Dá um beijinho, já vai dormir. Entendeu? Não vai ter aquela conversa com o filho, perguntar como foi o dia, como passou na escola. Entendeu? Não vai dar aquele abraço, aquele beijo, aquela atenção. Ai... você vai ter um filho, e se ele não vai estar na escola ele vai estar na rua. A maior parte na rua. Entendeu? Ele vai aprender coisas que você não deveria estar passando para o seu filho. Você vai estar passando indiretamente... E isso, vai tendo uma formação mais agressiva do filho... por que eles vão crescer já revoltado. “Meus pais não me deu atenção, afeto e carinho”. Então, isso faz com que as diferenças entre o campo e a cidade vai sendo muito maior. Que os filhos estão mais do lado. Aqui os pais não tem trabalho longe dos filhos. Então, isso faz com que eles fiquem mais perto. E na cidade não. Eles cada vez estão mais distantes. Isso é uma diferença muito proporcional que vai deixando a criança mais sem atenção... sem afeto. E traz uma formação... assim... bem diferente, n/é. Porque a mãe não quer isso... nenhuma mãe... Mas por causa do trabalho, da ansiedade do dia, então... vai... uma coisa puxa a outra.*

Através das entrevistas, quando relatam as “diferenças” entre o modo de vida no campo e na cidade, é possível perceber determinadas características do homem rural.

No caso de Lindamar, ela descreve as formas de diversão proporcionadas aos jovens pelos grandes centros urbanos, como idas a shopping- centers, teatro, cinema, shows e eventos. Em seguida, faz a diferenciação em relação às diversões proporcionadas pelo meio rural, como andar a cavalo, nadar, pescar.

As diferenças apontadas servem para demonstrar como é construído o perfil das gerações novas em assentamentos de reforma agrária. É um perfil que forma-se com características próprias, a partir de uma cultura própria, ambos produzidos no bojo de um espaço que também é próprio, específico e diferenciado do meio urbano.

Já a jovem Cleide, demonstra as diferenças existentes entre os dois espaços, a partir da convivência familiar. Para ela, as exigências de trabalho do meio urbano, resulta na falta de atenção dos pais em relação aos filhos, quando diz que os pais trabalham longe de casa e não tem tempo para os filhos. Segundo ela, os filhos acabam ficando sem a companhia dos pais durante o dia todo, porque os pais, mesmo quando chegam do trabalho, já cansados não dão a mínima atenção a seus filhos. Sem a atenção devida dos pais, os filhos passam a maior parte do tempo nas ruas convivendo diretamente com a violência existente nos centros urbanos.

Daí, segundo Cleide, o fato das crianças do centro urbana tornarem-se pessoas agressivas e revoltadas.

Diferentemente da cidade, nos assentamentos, os filhos estão mais próximos aos pais. Isso porque, a base da economia camponesa é o trabalho familiar, onde cada membro da família desempenha uma função específica no lote. Assim, esta forma de trabalho, exige uma proximidade constante entre os membros de famílias das zonas rurais, contato este que permitem aos pais dar uma boa formação e educação aos filhos, com as práticas culturais próprias de suas trajetórias. Essas práticas culturais são entendidas por Bourdieu (1989), como *habitus* e são configuradas na socialização primária.

As representações colhidas sugerem que o perfil do jovem assentado diferencia-se do perfil do jovem urbano. Um perfil constituído no decorrer da trajetória de vida do jovem assentado, a partir daquilo que ele vive e no meio do qual ele faz parte.

Isso tudo, é ainda perceptível na entrevista com a Cleide, quando ela responde o que pensa do assentamento em relação à cidade. Vejam o que diz:

*Cleide- Ah... aqui é um lugar muito bom, n/é. Calmo e as pessoas são simples. Você fica mais aberto com a natureza, com lugares bonitos. Vocês já presenciaram.... Não sei se vocês conheceram maioria da parte, n/é. E vale a pena morar num lugar desses, pensando nesses níveis. Um lugar parado. Na cidade você já tem algumas vantagens, como transporte, acesso a trabalho mais fácil, à escola, n/é. Mas pensando em outro lado, vem a poluição sonora, vários tipos de poluição, n/é. E também o risco, n/é, de furtos. Te assaltarem, n/é. Muitas coisas, entendeu. Então, a diferença entre a cidade e o campo é muita. Mas no campo, tem muitos objetivos que te deixa mais livre. E vale a pena você ficar pensando assim, num envelhecimento mais light. (risos). Sabe, uma vida boa... love... não pensando em sacrifício. Isso sim, não no trabalho. Porque o trabalho aqui é pesado, escasso. Pesado, difícil. Você tem que se proteger. Você não vai se proteger com um filtro solar. Você vai estar se protegendo com chapéu, com calças, camisas, blusa, entendeu. Uma coisa que é muito mais da cidade! Se é que... Bem... você pode ver, as crianças daqui são mais simples das crianças da cidade. Por exemplo... igual... chegou no dia das crianças, você imagina... lá na cidade as criança vão pedir - O pai, eu quero um videogame... muitos outros brinquedos eletrônicos, bichinho virtual. Aqui não. Eles vão pedir - Pai, eu quero um sapato- Pai, você pode me dar um boné. Então, é uma coisa diferente.... Eu queria um chinelo para eu ir para escola. E você pode ver*

*que é diferente, entendeu. MUITÍSSIMO. Só que a simplicidade é muito maior aqui. E as pessoas que são orgulhosas e que não dão atenção para isso, não percebem que essas crianças precisam de apoio psicológico. Que são crianças que não está à frente da marginalização, ao roubo. Passam dificuldade sim. Mas isso não é motivo para elas saírem descartando possibilidades de ser uma má pessoa, de ser uma má criança, de fazer coisa errada. Então aqui, as crianças nascem e crescem com um nível totalmente diferente das crianças da cidade. Aqui elas tem mais amor. Mais atenção dos pais. Que os pais estão trabalhando na roça, mas estão sempre ao lado dos filhos, entendeu. Pode ser simples, tudo. Mas estão dando atenção, carinho e amor. Que isso no futuro, não vai atingir eles, entendeu. Como eu fiquei triste, n/é, aquela situação lá do índio Pataxó e os 4 jovens, n/é, que atearam produto inflamável e depois fósforo no índio. E depois... Agora fala que a intenção deles não seria de matar, n/é. Seria uma brincadeira. Mas que brincadeira de mau gosto. Agora eles alegam que... Muitos psicólogos falam que eles fizeram isso, porque os pais estão várias horas... é... mais de doze horas de trabalho. Não tem atenção para o filho. Fica a babá. E depois, tem uma adolescência sem diálogo, sem atenção, a coisa que... Aqui isso não tem. O filho tem o maior apoio psicológico, emocional dos pais. Uma coisa que eles vai ser simples, entendeu. Mas vai ser diferente. Não vai ter essa possibilidade de ser alguém desestruturado, principalmente psicologicamente.*

A partir deste depoimento, Cleide relata a diferença entre o indivíduo do meio rural e o do meio urbano. Ao apontar tais diferenças, ela supervaloriza as do espaço rural e as formas de agir das crianças do assentamento. Ela ainda aponta as diferenças de comportamento entre as pessoas do campo e da cidade, evidenciando um perfil que é próprio e específico dos habitantes do meio rural.

Segundo o seu depoimento nota-se um perfil próprio e específico do jovem assentado, que é possível ser percebido e identificado, a partir do seu sentimento familiar, daquilo que representa para ela o assentamento, e principalmente dos valores que possui.

De certa forma estes valores são resultado de um sentimento adquirido no espaço de convivência com a família e que possibilita muitas satisfações pessoais, em torno de objetivos buscados, num processo de lutas, que conduz a juventude rural, ao êxito de suas aspirações.

Nesse contexto, as análises até aqui realizadas, contribuem significativamente, para pensarmos as questões relativas à juventude rural assentada.

Portanto, realizadas essas considerações acerca do perfil dos jovens assentados, passamos agora, auxiliados por elas, a discutir o conceito de juventude rural, no âmbito dos assentamentos de reforma agrária.

#### 4. As idades da vida

Para sabermos com exatidão como os jovens adquirem ou herdaram sua identidade, faz-se necessário o retorno à história. Verifica-se que é somente por volta dos séculos XVI e XVII que a idade torna-se objeto de atenção especial. Isso se comprova ao analisarmos os retratos de família, nos quais podemos encontrar a idade registrada. Pela inscrição dos números, pretendia-se reforçar com exatidão o sentimento de família e seu desenvolvimento na época. Já o registro nos diários de família não tinham somente a intenção de reforçar o sentimento familiar. Sua preocupação maior era de dar a ela, a família, uma precisão cronológica, ou seja, uma história, datando-a (ÁRIES, 1981).

No século XVII, tornou-se bastante habitual gravar ou pintar uma data em objetos pessoais (cama, baús, armários, colheres, etc.), quando correspondiam a um momento solene da história familiar, dando à família certa consistência cronológica. O gosto pela inscrição em objetos familiares desapareceu rapidamente nas cidades e na corte, ainda no século XIX, apesar de ter subsistido até meados do século XX, pelo menos nas camadas médias.

Porém, o simbolismo dos números vai ser muito importante para a definição das idades da vida. Além de aparecer inscrito em objetos pessoais, como já dissemos anteriormente, o simbolismo dos números era familiar, “encontrava-se ao mesmo tempo nas especulações religiosas, nas descrições de física, de história natural, e nas práticas mágicas” (ÁRIES, 1981, p. 35).

De acordo com o que vimos havia, então, uma correspondência entre as idades da vida e os fenômenos naturais, correspondência esta, determinada pela ciência e adotada pelo dito popular, pois “os homens acreditavam que uma mesma lei rigorosa rege ao mesmo tempo o movimento dos planetas, o ciclo vegetativo das estações, as relações entre os elementos, o corpo humano e seus humores e o destino do homem” (ÁRIES, 1981, p. 35).

É somente no século XIV, sobretudo na França, que vamos encontrar as definições da idade da vida que permaneceram inalteradas até o século XVIII. Tais definições, não correspondiam apenas a etapas biológicas da vida, mas a funções sociais expressamente definidas. Essas etapas resumem-se a três: *enfance, jeunesse, vieillesse*.

No entanto, foi somente no século XX que as representações sobre a o conceito de juventude assumem dimensões sociais, demarcando a fronteira como uma fase da idade da vida intermediária entre a infância e a maturidade.

A partir deste histórico panorâmico sobre as idades da vida notamos que, na formação histórica da existência humana a vida pressupõe, nas suas diferentes etapas, um ritmo biológico da idade. Por outro lado, tais fatores biológicos são sociologicamente reinterpretados, considerando que cada uma dessas etapas possui características próprias, constituindo-se assim, em alvo de avaliações específicas que são culturais e econômicas.

Para o melhor entendimento de tal processo, é de fundamental importância, definirmos com o maior rigor possível, o significado da noção de geração e posteriormente examinar os pressupostos do relacionamento entre elas.

## **5. As diferentes teorias acerca do conceito de juventude**

### **5.1 O fenômeno do *locus geracional***

De acordo com Foracchi (1972, p19) para cada etapa da vida, existe uma relação que “[...] não é meramente linear ou cronológica, permitindo um modo peculiar de atuação [...], ou seja, [...] cada etapa deve ser compreendida em contraposição e em contraste com a anterior ou com a subsequente”.

Segundo Mannheim (1986) a unidade de uma geração é constituída pela localização similar em que se encontram certos indivíduos (uniformidade de locação social). Para ele, a geração é uma categoria de análise que, embora não seja classe nem grupo, caracteriza-se pelo fato de apresentar uma localização social comum, numa dimensão histórica do processo social.

Ao se analisar o “fenômeno da locação social” pode-se estabelecer diferenças entre o fenômeno das gerações e dos grupos sociais, demonstrando que a “unidade das gerações” é constituída pela similaridade de locação. Tal similaridade só pode ser caracterizada à partir da natureza da estrutura de onde emergem os grupos de locação na realidade histórico social.

A noção de geração para Mannheim (1966) corresponde assim, a uma determinada similaridade social que abrange grupos de idades afins, determinados pela natureza da locação e por sua relação com outros membros da sociedade. Para Foracchi (1972, p. 20), Mannheim entende que “os membros de uma geração estão, em virtude da similaridade de locação, igualmente expostos a uma mesma fase do processo coletivo”. Eles compartilham uma série

de experiências e situações de vida em comum, que por apresentarem-se de forma ordenada, estratificada, são responsáveis pela afinidade de locação social. Tem-se assim, a formação de um estilo característico de cada geração, garantindo a continuidade e as diferenças entre elas. “A continuidade das gerações é fundamental para assegurar a criação cultural e a transmissão da cultura” (FORACCHI, 1972, p. 22).

Todavia há que se ressaltar a dificuldade atual de transição na passagem de jovem para adulto, devido à complexidade das formas de organização social na sociedade moderna.

O jovem desafia a sociedade. Ela é questionada quanto a seus valores e sua ordem. Os jovens acumulam características e experiências de outras categorias de idade, ocasionando uma situação de crise no processo de socialização dos jovens e também na sociabilidade que desenvolvem.

O importante é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou a continuidade que entre elas se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração (FORACCHI, 1972, p. 24).

De acordo com a corrente geracional, isto se justifica pelo fato desta corrente procurar entender o processo de formação da juventude, no âmbito das suas aspirações, como uma categoria distinta da vida adulta. Tal corrente vai compreender a juventude como uma fase da vida, enfatizando-se o aspecto unitário que a juventude assume nas mais diversas sociedades.

Segundo Pais (1996), o arcabouço teórico dominante da corrente geracional baseia-se nas teorias da socialização, desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações. Estas teorias foram fundamentais e essenciais para a corrente geracional discutir profundamente a continuidade e descontinuidade dos valores intergeracionais.

## **5.2 A crise da juventude e os valores intergeracionais**

Em relação às crises e conflitos intergeracionais, eles são vistos pelas teorias funcionalistas, como disfunções no processo de socialização.

Já a teoria das gerações procura explicar as crises geracionais como descontinuidades intergeracionais. Para seus teóricos, se existisse um movimento contínuo não haveria uma geração após outra e conseqüentemente não haveria uma teoria das gerações (PAIS, 1996).

Por outro lado, Mannheim (1982) pensa a crise da juventude como parte de um processo no qual as gerações novas são chamadas a atuar. Para o autor, a crise da juventude se dá no momento em que o jovem procura integrar-se à vida adulta. Quando isto ocorre, o

jovem choca-se com valores antagônicos entre si, confrontando-se com eles e promovendo mudanças sociais que conduzem a sociedade a circunstâncias completamente novas.

Realizando estudos sobre as “gerações novas”, Mannheim (1982) credita a diferença entre uma sociedade e outra, ao fato de existirem, em determinadas sociedades, pessoas mais velhas que gozam de maior prestígio em relação às mais novas.

Mas não é somente em relação ao prestígio possuído pelos jovens que as sociedades diferem, mas também “pelo fato dos jovens se integrarem em grupos ou movimentos, que como tal, influenciam os cursos dos acontecimentos” (MANNHEIM, 1966, p. 91).

Embora surjam sempre gerações novas, sua atuação vai depender de como a sociedade se utiliza dela e de que maneira realiza este uso.

Nesse sentido, a juventude é vista por Mannheim como um “recurso latente” à disposição em cada sociedade e de cuja mobilização depende sua vitalidade. Algumas sociedades não se utilizam desses “recursos latentes”, privilegiando-se as experiências das gerações velhas. Essas experiências vão sendo incorporadas pela juventude que não promove mudanças sociais, mas incorporam os valores anteriormente estabelecidos.

Desta forma, estas sociedades

[...] relutaram em encorajar novas forças latentes nos jovens. Sua educação centralizar-se-á na manutenção da tradição, seus métodos de ensino serão rotineiros. As reservas vitais e espirituais da juventude serão deliberadamente negligenciadas, enquanto não houver desejo colidente contra as tendências até então vigentes na sociedade (MANNHEIM, 1966, p. 92).

Nessa perspectiva, a juventude mostra-se claramente conservadora e disposta a integrar-se na vida adulta, sem a necessidade de modificar a ordem social vigente.

Mas ao contrário, existem sociedades que se utilizam de seus “recursos latentes”, organizando-os e utilizando-os para promover mudanças sociais em graus consideravelmente elevados pois, “[...] na medida em que as sociedades desejam tomar uma nova orientação, qualquer que seja sua filosofia social e política, contarão principalmente com a cooperação da juventude” (MANNHEIM, 1966, p. 93).

Assim, a juventude aparece nesta sociedade com a função de um agente revitalizador, “como uma espécie de reserva que se revela apenas se tal revitalização for desejada para o ajustamento a circunstâncias rapidamente mutáveis ou completamente novas” (MANNHEIM, 1966, p. 93).

O jovem até a sua puberdade incorpora valores que são pré-estabelecidos no convívio familiar. Quando penetra no período da adolescência, entra em contato com valores que até então não conhecia. “O fato relevante é que a juventude vem de fora para os conflitos de

nossa moderna sociedade. E é esse fato que faz da juventude o pioneiro predestinado para qualquer mudança da sociedade” (MANNHEIM, 1966, p. 95).

Nesse contexto, entendemos que, para Mannheim, a crise da juventude não pode ser capaz de promover uma ruptura das gerações novas em relação às velhas, mas ao contrário, ela é a grande responsável em manter vitalizado a continuidade das gerações, no processo histórico de formação das sociedades.

O fato é que, segundo Pais (1996), as discontinuidades intergeracionais vão estar na base do processo de formação da juventude como “geração social”. Este conceito é importante porque revela a formação de uma geração jovem, num processo de relações de interdependência, a partir de valores adquiridos de outra geração da qual se vê distinta, o que não significa ruptura. Nesse processo admite-se a existência da formação de uma cultura juvenil em oposição à cultura das gerações adultas. Tal oposição seria a causa de diferentes tipos de discontinuidades intergeracionais, podendo estas, ocorrer por meio de conflitos e tensões ou sem grandes fricções.

Quando o processo de formação de uma geração jovem ocorre sem grandes atritos, a corrente geracional procura explicar tal fato através da teoria da socialização contínua.<sup>9</sup> Segundo esta teoria, os jovens são socializados por meio de um conjunto de normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas (PAIS, 1996).

Por outro lado, traduzem como conflitos ou crises intergeracionais, a discontinuidade das gerações causadas por grandes tensões. Entendem que a causa da confrontação entre gerações, é resultado da formação de uma consciência geracional em decorrência da vivência, pelos jovens, de determinados processos que lhes são próprios.

Portanto, para a corrente geracional,

[...] os indivíduos experimentarão o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como membros de uma geração [...]. Além disso, [...] as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares (PAIS, 1996, p. 40).

Vimos até aqui, que a corrente geracional apresentou como problemática da juventude alguns aspectos de continuidade geracional e outros de sua discontinuidade. Porém, essa corrente, segundo Pais (1996), ao tentar esclarecer a problemática da juventude, generaliza o fenômeno juvenil e desta maneira apresenta-o como uniforme e homogêneo. Ao mesmo

---

<sup>9</sup> “[...] As teorias da *socialização contínua* foram dominantes nos anos 50, quando médicos e psicólogos quase detinham o monopólio do discurso sobre os jovens, ao assimilarem a adolescência à crise de puberdade e ao definirem a juventude como um período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir a idade adulta. É durante esse período que adquirem relevância os conceitos de identidade ou autonomia juvenil. Mesmo quando a sociologia (nos anos 60 com o funcionalismo) começa a explorar a juventude como fonte de problemas, diversos são os estudos que, na linha da teoria da socialização contínua, acabam por reconhecer as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade” (PAIS, 1996).

tempo, e na medida em que cria uma consciência que lhes é própria, os jovens criam também a sua própria cultura, sempre em oposição à cultura da geração adulta.

Diferentemente da corrente geracional, a corrente classista procura desvendar a problemática da juventude, a partir do contexto da reprodução das classes sociais. Mesmo sendo entendida como categoria, a juventude e todo o processo de sua formação, seria definido por relações de classe. Isso significa que “[...] a transição do jovem para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão sexual do trabalho, quer principalmente, a nível da condição social” (PAIS, 1996, p. 44).

Procurando explicar tais afirmações, a corrente classista argumenta que a divisão sexual do trabalho ocorre em virtude da dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Nele, o desemprego e a competitividade crescem cada vez mais.

Tentando solucionar ou amenizar tanta dificuldade, atribuem às mulheres jovens o papel de esposas e mães, afastando-as assim, do mercado de trabalho.

Agora, em relação à condição social, o sistema educativo e a condição em que vive o indivíduo é que se encarregariam da reprodução social. Consequentemente, seria o processo de ensino-aprendizagem o grande responsável pela *reprodução material do indivíduo*.<sup>10</sup>

Mas, segundo Pais (1996), quando se analisam as transformações sociais, políticas e econômicas, na atual conjuntura mundial, notamos que a reprodução social não tem ocorrido de uma forma linear. Ele tanto desconfia desta linearidade proposta pela corrente classista, que afirma existir algumas lacunas no sistema reprodutivo, na forma como foi explicitada no parágrafo anterior. Estas lacunas demonstram, então, a necessidade de se analisar as origens e as implicações que elas poderão provocar no processo de transição do jovem para a vida adulta. Neste caso, diria sucintamente, que algumas destas lacunas surgem como produto de transformações que afetaram o próprio sistema político e econômico e outras, paulatinamente, no decorrer da vida quotidiana.

Feitas essas observações, é de fundamental importância, procurar entender como nesse processo de transformações, a corrente classista trata a questão da cultura juvenil. Para ela,

[...] as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto das relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por essa corrente apresentadas como *culturas de resistência*, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe (PAIS, 1996, p. 48).

Assim, as culturas juvenis entendidas como cultura de classe, vão apresentar sempre um significado político. Seus rituais, as distinções simbólicas existente entre os jovens

---

<sup>10</sup> Ver: Establet (1973)

(vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc.), apresentariam sempre um aspecto de resistência contra a cultura dominante, adquirindo e criando novos espaços culturais.

Segundo Morin (1981) é a partir de 1955, com o surgimento do rock-and-roll, que tem início uma nova cultura juvenil. Para ele, foi com o desenvolvimento dessa cultura em pólos diferenciados de vivência juvenis, que os jovens puderam afirmar suas diferenças em relação a outros grupos sociais.

Essa afirmação torna-se mais evidente na década de 60, com o surgimento de alguns movimentos de contestação da sociedade e que assumem variados comportamentos. É o caso do movimento hippie e dos skinheads. Ambos surgiram num momento de grandes transformações culturais, de recusa à sociedade de consumo, da busca incansável de uma renovação social, além do desejo de uma revolução cultural através da afirmação da não violência. Enquanto o primeiro surgiu, ligado a esses valores e vinculado à classe média, o segundo, em contrapartida, originou-se de grupos de jovens provenientes da classe operária, e que passaram a adotar um estilo oposto aos hippies, opondo-se ao seu pacifismo.

Em suma, não é certo afirmar que a condição social determine entre jovens de uma mesma classe social uma homogeneidade cultural. Os processos sociais também não podem ser compreendidos de forma unânime, entendidos como simples e exclusivamente resultantes de determinações sociais e posicionamento de classes. Isso não nos autoriza a descartar completamente o conceito de classe social, que vai predominar no nível macro histórico.

### **5.3. Juventude rural assentada: uma interpretação cultural dessa fase da vida**

O conflito de gerações nas mais diversas sociedades é marcado por atos de contestação em virtude da rejeição da condição adulta imposta pela sociedade. Tornar-se adulto é uma tarefa extremamente difícil na sociedade moderna e significa enfrentar os problemas propostos por ela.

Segundo Madeira (1986, p. 17), a juventude é a

etapa de transição entre a infância e a vida adulta. E nesse sentido deve-se assinalar que a transição para o mundo adulto não se dá de forma única. Quase sempre se trata de uma série de mudanças paralelas ou consecutivas que variam histórica e culturalmente.

Nesse sentido, nenhum limite filosófico cabe para identificar fases da vida culturalmente determinadas.

Segundo Pais (1996), os jovens devem ser vistos, analisados e estudados profundamente através de seus cotidianos, a partir de seus contextos vivenciais. Segundo ele,

só assim será possível decifrar a natureza das continuidades e descontinuidades intergeracionais.

Desta forma, é que neste trabalho, procuramos entender os jovens assentados a partir do seu cotidiano,

[...] porque é cotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de pensamento, de percepção e ação. [...] Mais que fazer uma dedução dos modos de vida dos jovens a partir de um centro imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estar prioritariamente aberto a uma análise ascendente do modo de vida dos jovens, partindo de seus mecanismos infinitesimais, das estratégias e táticas cotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais são as suas possíveis involuções ou generalizações (PAIS, 1996, p. 56)

Assim, fica claro para nós, que o jovem assentado deve ser pensado culturalmente, como produto de um processo cultural que ora lhe é próprio e específico, ora se inspira na cultura dominante.

Devemos salientar também que a condição juvenil do jovem assentado deve ser pensada de maneira dialética, levando-se em consideração a relação desse jovem com a totalidade do processo histórico, a qual envolve a relação desse indivíduo com a sociedade e com os indivíduos do grupo do qual ele faz parte.

Pensar o conceito de jovem assentado de maneira dialética significa demonstrar a existência de uma categoria social de indivíduos que se configura a partir de uma série de contradições que

[...] envolve integração versus inadaptação, socialização versus criação de formas de ser e viver diferentes, papéis sociais versus identidades juvenis, institucionalização versus informalização, homogeneização versus heterogeneidades e heteroginização, cultura versus subculturas. (GROPPO, 2011, p. 20)

Desta maneira, podemos assim dizer, que a juventude assentada caracteriza-se a partir de suas experiências cotidianas, pois aquilo que o jovem faz e a forma como são conduzidas suas ações, no espaço social do qual faz parte, é o que contribui para a formação de um perfil diferenciado em relação aos jovens da cidade e, principalmente, em comparação à geração adulta.

### **Considerações finais**

Ao recuperarmos algumas análises desenvolvidas neste texto, analogicamente ao trabalho de Pais (1996), pode-se notar que o conceito de cultura juvenil, tanto para a corrente

geracional como para a corrente classista vai estar associado à cultura dominante, ao urbano, as estruturas de classes integradas.

Há muitos séculos atrás, os primeiros estudos que se preocuparam em definir o conceito de juventude, tentaram demonstrar as funções sociais desta etapa da vida. Assim, procuraram entender a juventude a partir do papel que os jovens desempenhavam na sociedade, numa etapa da vida anterior àquela em que o indivíduo atinja sua condição de adulto. Procuraram demonstrar também, a uniformidade que apresentava a categoria juvenil, por possuírem características em comum. Os jovens foram considerados membros de uma mesma geração, pelo fato de ocuparem a mesma localização social. Possuíam características próprias por terem, numa dada fase da vida, além de idades afins, compartilhado também, uma série de experiências em comum.

Definiram o estilo característico da juventude. Indivíduos com idades afins, que se opondo às gerações subjacentes, eram capazes de garantir a continuidade e as diferenças entre as gerações.

Mas o processo de transição da passagem do jovem para a vida adulta torna-se bastante difícil devido a complexidade de organização da sociedade moderna. Com o desenvolvimento do capitalismo e o conseqüente aumento da desigualdade social, aumentam as dificuldades de inserção do jovem no mercado de trabalho, e frustram-se suas expectativas de ingresso no mundo dos adultos.

Assim, o jovem acaba por questionar, de forma rigorosa, os valores e as normas da sociedade que o exclui. Ao mesmo tempo, absorve características e experiências de outras categorias reforçando ainda mais a relação de oposição e contraste existente entre uma geração e outra.

É preciso, porém, estar sempre atentos para os vários aspectos que permeiam a problemática da juventude. Nunca se pode perder de vista, que esta fase da vida, chamada juventude, resultado de um processo específico, é culturalmente definida. Se se considera ainda que a cultura em nosso tipo de sociedade, sofre fragmentação e clivagens originadas das transformações de classes, grupos, regiões e das relações rural-urbano, com todas as suas nuances, aquilo que se pretende definir culturalmente é carregado de diversidade.

Para a corrente geracional, as culturas juvenis são entendidas em oposição à cultura dominante das gerações mais velhas. Já a corrente classista procura explicar as culturas juvenis como forma de resistência à cultura da classe dominante. Em ambos os casos, diria Pais (1996), as culturas juvenis aparecem subordinadas a uma rede de determinismos que estruturalmente se veiculariam entre cultura dominante e subculturas.

Portanto, nosso esforço deu-se no sentido de tentar demonstrar que o conceito de juventude assentada deve ser pensado de maneira dialética, na medida em que a identidade desses indivíduos ou grupo de indivíduos é um fenômeno oriundo da articulação contraditória da totalidade do processo histórico, que se desenvolve no percurso das experiências por eles vivenciadas nos espaços de convivência social, como acampamentos e assentamentos de reforma agrária.

Assim, como a juventude rural assentada caracteriza-se a partir de suas experiências cotidianas, procuramos demonstrar que o jovem rural assentado deve ser pensado culturalmente, como produto de um processo cultural que lhe é próprio e específico.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Eliana Aparecida. Processo de Trabalho e Socialização na Zona Rural: um estudo a partir dos assentamentos do Horto Silvânia. In: WHITAKER, D. C. A. e FIAMENGUE, E. C., **Retratos de Assentamento**, NUPEDOR, ano II, n.2, 1995.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COSTA, Vera Marisa Henriques de Miranda et al. Trajetória de Assentamentos: desempenho econômico e avaliação dos núcleos de Araraquara. In: FERRANTE, Vera Lucia Silveira Botta (Org.). **Retratos de Assentamentos**. NUPEDOR, Ano II, nº 4, 1995.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pereira Pessoa et al. Perfil dos assentamentos de Sumaré. In: FERRANTE, V.L.B. (Org.) **Retratos de Assentamento**, NUPEDOR, ano III, n.5, 1996.

DANTAS, Alexandre. **Uma tentativa de compreensão do homem rural: diferentes olhares**. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

ESTABLET, R., A Escola. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.35, outubro/dezembro/1973.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FERRANTE, Vera Lucia Silveira Botta. Nem proletário nem proprietário: a complexa constituição de ser assentado. **45ª Reunião Anual da SBPC**. Recife, 1993.

FERRANTE, Vera Lucia Silveira Botta et al. Assentamentos Rurais: um olhar sobre o difícil caminho de construção de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamentos**. NUPEDOR, Ano I, nº 1, 1994.

FIAMENGUE, Elis Cristina. **Entre o espaço vivido e o espaço sonhado: imagens da infância num assentamento de trabalhadores rurais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: SOUZA, Janice Tirelli Ponte de; GROPPPO, Luís Antonio (ORGs). **Dilemas e contestações da juventude no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011.

MACHADO, Vitor. **Dilemas e perspectivas da educação em assentamento rural – Sumaré/SP**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

\_\_\_\_\_. **Estudantes em assentamentos de terras: um estudo de aspirações por educação**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

\_\_\_\_\_. Origem da educação no MST: da ocupação ao assentamento – as dimensões do aprendizado fora das lides da escola. **Revista de Ciência da Educação**. Americana, v. 1, n. 24, p. 175-201, 1º sem, 2011.

MADEIRA, Felícia Reicher. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: Questionando pressupostos e sugerindo pistas. São Paulo, **Cadernos de Pesquisa**, n. 58, ago. 1986.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e Sociedade**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, Segunda Edição, 1966.

\_\_\_\_\_. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org). **Karl Mannheim**, São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MORIN, Edgard. **Cultura de massa no século XX-** o espírito do tempo-I, Neurose. 5.ed., Rio de Janeiro: Forense, 1981.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta et al. Um retrato da aspiração por educação escolar nos Assentamentos do Estado de São Paulo. In: FERRANTE, Vera Lucia Botta (Org.) **Retratos de Assentamento**, NUPEDOR, ano II, n.1, 1994.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; FIAMENGUE, Elis Cristina. Memória da terra: As rupturas e as novas possibilidades. In: **Retratos de Assentamento**, NUPEDOR, ano II, n.2, 1995.